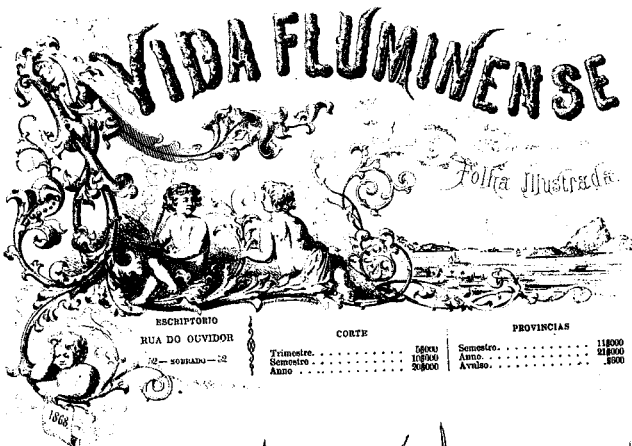


VIDA FLUMINENSE

Folha Ilustrada



ESCRITORIO
RUA DO OUVIDOR
12 — SOBRADO — 12

1868

CORTE		PROVINCIA	
Trimestre	15000	Semestre	11000
Semestre	15000	Anno	22000
Anno	28000	Avulso	1500



REVISTA DAS TROPAS PARAGUAYAS NO TEBICUARY

— Ora, é preciso confessar que um batalhão como este sempre faz sua vista por detrás! Mas, se me derem cabo delle, de quem lançarei eu mão?! Queira Deus que os alliados não se lembrem de atacar a arma branca; porque então... si de inimigo!

A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 30 de Maio de 1909.

Agora sim!

Na câmara temporaria começou a fervura dos animos.

A resposta á falla do throno tem dado para nunguém; mas, como diz a canção popular:

Tudo fenece no mundo.

Daqui a oito dias passará ella da temporaria para a vitalicia e oito dias depois da vitalicia para o grande sarcophago das velhas recordações parlamentares.

A falla do throno trouxe consigo uma vantagem. Foi ella a de dar tempo a gregos e troianos para prepararem os argumentos *pro e contra* a questão dos trez por cento, que deve voltar proximoamente á toma da discussão, e de que a opposição fez seu cavallo de batalha, logo nos primeiros dias de sessão.

Tem ressoado tempo a todos para o estudo da questão, pelo que se prepara o paiz para ouvir luminosissimos discursos, que o auxiliarão a formar juizo seguro sobre o assumpto.

Bu é que já não tenho mais que aprender a tal respeito. Minha opinião está formada e foi emitida no numero passado da *Vida Fluminense*: ou tudo ou nada; ou deem uma boa parte de seus subsídios para as urgencias da guerra, ou não fallem mais nisso.

.

Estamos em fim de Maio, lá se vai o primeiro mez de sessão e ainda agora chegam do norte e do sul alguns illustres representantes da nação.

A qual causa attribuir-se semelhante desamor pela *republica*?

Será porque é para alguns pesado onus a representação nacional?

Não creio, nem ninguém o creará quando lembrarse da soffreguidão com que todos os candidatos se atiram ás urnas nas quadras eleitoraes.

Será porque.....?

Dou embalde tractos ao espirito. Não deusso o mysterio.

Que outros mais perspicazes e felizes denunciem a causa.

.

A gerencia da companhia Ferry continúa a emitir vales que só *valen* por um dia.

Os inconvenientes que sempre acompanham as emissões em geral requintam nesta: o publico soffre prejuizos constantes e quando reclama, sobre não ser

atendida, é menosculado com respostas pouco cortezes, quer dos empregados subalternos, quer do proprio gerente.

Não se faz mister adduzir aqui razões para convencer a autoridade da necessidade de providenciar a tal respeito. As queixas e protestos, por constantes e unanimes, devem ter muitas vezes chegado nas secretarias de policia da Corte e de Niecheroly.

Não obstante, vai a gerencia lavrando seu uber-rimo terreno de emissão, e julgando do alto do seu throno de carvão de pedra quizes os bilhetes que, por estragados, não devem ser aceitos.

O processo é summarissimo: o lucro certo.

Um pobre passageiro compra na estação mil réis de bilhetes, ou recebe-os em troca no commercio; instantes depois quer utilisar-se delles para atravessar a bahia e não o póde fazer..... porque ja nada valem!

Se protesta, vem logo o Sr. Rainey declarar:

— *Oh! que não presta; desta fôr!*

Ao *bott-fôr* do Sr. Rainey assistirá de boa mente toda a população niecherolyense, quando elle se lembrar de voltar á sua cara patria!

Se tantos males já pesavam sobre os frequentadores das barcas Ferry por causa dos bilhetes gerues de passagem, quanto mais agora com os vales diários?

Ainda ha poucas nontes foram supprimidas duas ou tres viagens por causa da resaca. Calcule a autoridade quantos vales diários ficaram sem effeito, depois de vendidos, com grande prejuizo do publico, e decida se se deve ou não por cõbra a taes propozições.

A gerencia não só faz o que quer, como ainda chama á responsabilidade os que, causados de soffrer, bradam contra seus demandos.

Andar assim!

.

Duas vezes fallei da scena dramatica, *Le petit misérable*, palavras de Adolfo Hubert e musica de Ricardo Ferreira de Carvalho, representada no dia 23 do corrente na scena do Alcazar.

Como fallei sempre — em bem — della e uma parte do publico a tractou — mal —, deve dar uma explicação para não parecer que triguei de falso quando a clogiei:

O que houve não passou de um *parti pris* contra a pobre artista, a quem foi coufado o desempenho do papel de *Guroche*.

Para prova basta allegar que desde o começo da representação choveram em scena epigrammas, phrases passadas e até moedas de cobre, isto antes de serem ouvidos o poema e a musica!

E tanto basta para evidenciar que ia tudo com sobresscripto à Sra. Valmonkã e ainda aos Srs. Hubert e Ferreira.

Demais, talvez me enganue, porem pareceu-me que tinha havido tambem má vontade da parte do ensaiador e da orchestra: o quem se lembra com que esmero costumam ser ensaiadas e acompanhadas as peças no Alcazar hade concordar comigo.

Para terminar direi que a meu ver a assuada da primeira representação não prova que o poema e a musica sejam máos: o que prova sim é que nem todos os filhas da velha Europa sabem dar-nos lições de civilisação e civilidade.

Ha annos, no tempo da Clurton e Casaloní, quando alguns exaltados arrucessaram moedas de cobre em scena, houve alguns estrangeiros que disseram sermos: *people swage*.

Estamos quietos...

Um dialogo:

— Ai, que sorte cruel! É impossivel que alguém tenha passado o que eu já passei! Perdi meu pai, minha mãe e minha mulher. Morreu-me um tio, deixando-me um legado, mas o testamento desapareceu. Tive por procurador nesse pleito um taverneiro fullido...

— Basta: não accrescente mais. Essa ultima calamidade vale pelas outras todas: entretanto peor do que tudo isso passei eu.

— Peior?... pois que foi?

— Uma nota de 10 falsas.

Realisa-se amanhã (domingo) uma brilhante corrida de cavallos, no Prado Fluminense, disputada por diversos mudros e socios do Club Jacome.

A proximidade em que se acha o Prado, e a comodidade e barateza da viagem em caminho de ferro, serão sem duvida ensejos sufficientes para chamar a numeroso concurso de espectadores.

Se fosse em Nieherohy haveria gente a rebô, porque os mudros de lá sympathizam muito... mesmo muito com os divertimentos gratuitos.

Já que falhei em Nieherohy, deixem-me contar o que por lá se passa á noite.

As casas, cluacros e gallinheiros, são constantemente invadidos por ladres que levam a maldade a ponto de arrombarem, à força e com escanecão, as portas e janellas.

Os baileiros *grazinos do marro* da Armazão são os que tem soffrido mais.

Se a policia é feita por meia duzia de soldados da reserva!

Os Srs. Laemmert & C., edictaram um volume de poesias do sympathico poeta Rozendo Moniz, onde se encontram condimentos para todos os paladares: Poesias bellissimas para os que sabem apreciar as coisas litterarias

encadernação e impressão nitidissimas para... os outros.

Na noite de 1.º de Junho tem logar no theatro do Gymnasio o espectáculo dado pelos irmãos Sydow, em beneficio da edificação de uma escola allemã.

Entre as novidades que fazem parte do programma, citaremos a grande symphonia escripta para diversos instrumentos de eriança, trecho que deve incontestavelmente produzir effeito sorprendente e barbaresco.

Não deixaremos tambem passar em silencio os coros allemães, sem acompanhamento de orchestra, que são uma das glorias musicas mais notaveis da velha Allemânia.

Espectáculos destes não carecem de elogios antecijados.

O publico, concorrendo a esse concerto, contribue para o estabelecimento de uma instituição da reconhecida e incontestavel utilidade

Uma menina de 6 para 7 annos chega-se ao pai e diz:

— Papai, ralhe com Pedrinho.

— Porque?

— Porque deu-me um beijo.

— Ah! então elle trepou na cadeira?

— Não senhor, fui eu que desci.

A explicação do enigma publicado no numero transacto é: puro e oro.

CHRONICA MUSICAL.

O ardo do club Mozart.—A primeira representação do *Potti Misérabile*.

E' ainda sob as grías impressões da noite de 20 do corrente, que vim escrever estas linhas.

Aquelles que presenciaram a maneira entusiastica porque foram recebidos os *amadores*, que tomaram parte no sarão de inauguração dado pelo Club Mozart, já veem que me refiro a essa festa verdadeiramente artistica.

A apreciação minuciosa de todos os trechos, que

(Continúa no pag. 262.)

A VIDA FLUMINENSE



ESCOLA PARLAMENTAR

— Esperem, meus legisladorezinhos! Isto não se come já; porém está reservado para aquelles de vocês que melhor se portarem na escola.

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHE

por Américo Azevedo.

SEGUNDA PARTE.

CAPÍTULO XXII.

(Continuação.)

PELA DE TIPO E CONTO DE LEO.

O velho fidalgo queria consagrar à Suécia os restos de sua virilidade, e ouvir ainda no campo o som dos clarins. João de Werth acompanhou-o, com o intento de raptar um dia a Sr. de Souvigny. Estando naquella época a Suécia tão ingenua de aventureiros de todas as nações, entre elles João de Werth depararia com algum auxiliar.

O barão não era homem que tivesse escrúpulos. Tomada sua resolução, e certo que onde se achasse Adrianna, ali viria ter Armando, dirigiu-se uma manhã disfarçado para o lado das tavernas onde se reunia a escoria dos aventureiros.

Entrou a alma delleas, sentou-se e examinou a enfumada sala.

Dois homens jogavam. Sobre a mesa viam-se dois copos de estanho, dois cangrões meio vazios e algumas moedas de prata. Em volta da mesa estavam de pé uma meia dúzia de espectadores.

Um dos jogadores, de rosto amarelado, vestia um gibão de velluto chio de alinures desbotados; tinha o olhar desconfiado, os cabelos lisos e compridos, as mãos grandes e descarnadas. A agilidade de seus dedos finos e pontudos deu muito que pensar a João de Werth.

Um exame mais atencioso inspirou-lhe a convicção de que aquelle jogador de rosto macilento pertencia à confraria dos homens metellosos, de que elle tanto carecia então.

No seu gibão de velluto iam desaparecendo uma a uma todas as moedas de prata dos outros jogadores. Quando não tinha mais que ganhar, levantou-se e sahia com passo firme.

João de Werth acompanhou-o, e, ao voltarem um canto de rua, bateu-lhe de leve no hombro, dizendo:

— Amigo, chamo-me o barão João de Werth: queres seguir-me ao meu hotel.

— Estou às suas ordens, meu senhor.

Depois de entrarem em um quarto interior da casa, o barão sentou-se.

— Vi-te ha pouco jogando, mestre Frantz: creio que é assim que te chamam.

— Frantz Kreuss, senhor barão.

— Admirei deveras a habilidade com que despojavaes teu adversario.

— Que quer? A alma de um bom catholico sente

grande prazer em castigar os malditos hereses. Como não sei pregar sermões que os convertam, jogo contra elles.

— Tua linguagem agrada-me e creio que nos ha-

venos entender muito bem.

— É o meu maior desejo.

— Tens escrúpulos de armar teu braço contra um dos que declararam guerra à santa igreja?

— Por forma alguma; mas cada um tem seus negocios particulares, e para deixar ir os meus pela agua abaixo....

João de Werth tirou de uma bolsa um punhado de ouro.

— Pago antes e depois, disse elle. Preciso que desapareça quanto antes um homem que não creio nos santos. Morto ou desaparecido elle, receberás de mim uma mil pistolas.

— Ordenai, senhor! disse Frantz inclinando-se.

João de Werth contou-lhe em poucas palavras o que queria. Um huguenote, escapo por milagre do cerco da Rochelle, chegara à Suécia, e naturalmente se encaminhara para Gothemburgo, onde não convinha que se demorassem muito. Depois de dadas as explicações, o barão proseguiu:

— O Sr. de La Guerche é um galantender de sala, pouco desiroza sciencia da esgrima, trebolado de juizo, e pobre de algibeira: um fidalgo, enfim, sem recursos e sem familia.

— Tanto pior, meu senhor, tanto peor! quizera ter occasião de provar-vos que não recuo diante de nenhum perigo, quando se trata de defender uma causa santa.

João de Werth levantou-se e disse com certo ar de familiaridade, batendo no hombro de Frantz:

— Não te comprometas. Habil como és bem podes fazel-o desaparecer sem mal-o, a menos que não haja absoluta necessidade de mandal-o desta para melhor vida. Em todo caso deves obrar com excessiva prudencia.

— Tranquillize-se, senhor barão; não hade ter razão de queixa de mim.

E Frantz Kreuss, guardando em sua larga cinta de couro as pistolas que lhe dera João de Werth, sahio pausado e tranquillamente.

CAPÍTULO XXIII

DE ZARDEEN DO REI

Passou-se isto logo depois da chegada do Armando à Suécia. Frantz, para cumprir a risca as ordens de João de Werth, poz-se em campo logo o expedio diversos agentes para os principaes portos de mar do reino.

Mas, graças a Providencia, conseguiu Armando



PANTHEON DA VIDA FLUMINENSE

N. 2

QUINTINO BOCAIUA

Depois voltando-se para o official, continuou:

— Destarte os que entram nesta prisão só della saem para morrer?

O official fez um gesto affirmativo. Armando deixou cair a cabeça sobre o peito e depois de breve silencio disse ao official:

— Senhor, antes de entrar alli, consente que diga algumas palavras em particular a este soldado. D'antão-lhe asseguro que o que vou dizer interessa tanto minha salvação, quanto o serviço do rei vosso amo.

— E promette não tentar fugir?

— Respondo minha palavra de honra.

O official affastou-se com sua escota; Armando aproximou-se de Magnus.

— Não receio a morte; mas amo e quero viver! disse o prisioneiro.

— Ordene; quando prometto, cumprio.

Armando tirou um anel de um pequeno sacco de couro que trazia pendente do pescoço, e entregando no soldado, disse:

— Deste anel depende talvez minha salvação: preciso que o levas ao palacio do rei e que o mostres no capito das suas guardas.

— Sim, senhor conde.

— Dir-lhe-las que um fidalgo francez, que está em perigo de vida, solicita a honra de faltar ao rei. Se hesitar, contar-lhe-las que quando parti da Rochela estive com sua eminencia o conde de Richelieu, que me encarregou de uma missão para o rei da Suecia.

— Nada mais?

— Nada... Ah, se por fatalidade não estiver o capitão das guardas junto do rei, dirige-te ao proprio rei e mostra-lhe este anel. Mas, vê lá! não o percas, nem o dês a ninguém: sem elle, estou perdido!

Magnus, revolvendo o anel entre os dedos, disse muito commovido:

— Já não sou criança, e torno a assegurar que quando prometto, cumprio.

Armando apertou com effusão a mão de Magnus, depois disse dirigindo-se ao official:

— Estou às suas ordens, senhor.

Arnoldo de Braché, assim se chamava o official, aproximou-se de uma sentinella: a ponte levadiça abalçou-se; abriu-se uma porta e Magnus viu De La Guereche desaparecer na sinistra sombra da prisão.

Magnus era resolute, habil e affeito ás mais inesperadas aventuras; sua larga experiencia da vida fazia-lhe crer que entro o muelado do algar e o pescoço da victima ha sempre espaço para um uilgre. Não querendo portanto perder tempo, affastou-se da prisão apressadamente, com a resolução firme de dirigir-se directamente ao rei, porque (dizia elle) mais p'ide Deus do que todos os seus archaues.

Desgraciadamente para o prisioneiro, Frantz Kreuss tambem se havia posto em campo. Depois de narrar a João de Werth o que lhe acontecera no encontro com Armando, Frantz dirigio-se pelo caminho mais curto para o lado da prisão, com o intuito de ver, com seus proprios olhos, se se tinham tomado todas as precauções; e chegou no momento em que a escota fazia alto diante da ponte levadiça. Não querendo perder nenhuma das peripecias da prisão, o mensageiro do barão deitou-se e caminhou de rastos até perto da escota, sem fazer mais ruido do que uma cobra quando foge por entre os ramos. Bastava vel-o rastejar para concluir-se quanto estava habituado a taes expedições.

Do lugar em que se collocou, poudo Frantz seguir todos os movimentos de Armando e Magnus, e pouco depois ouvir parte da conversação havida entre os dous. Ouviu distinctamente as palavras — *salvação* e *rei*, — e vio passar das mãos de Armando para as de seu companheiro um objecto que não distinguio bem. Desde logo acreditou que o prisioneiro encarregava Magnus de uma missão; e, resolvendo immediatamente oppôr-se por todos os meios á sua execução, sahio do bosque, sempre de bruços, seguido por uma rua estreita e bateu á porta de uma miseravel taberna, onde formigavam sempre aventureiros, maltratados pelos caprichos da fortuna e pela inconsciencia do jogo.

Ahi não precisou gastar muita eloquencia, nem prometter muito dinheiro para convencer tres dos mais infelizes a acompanhal-o. Frantz collocou-se n'uma encurzilhada sombra, por onde Magnus devia necessariamente passar.

Momentos depois ouviram-se passos.

— Attenção! disse Kreuss a meia voz. Deixemol-o passar, e lancemo-nos todos a um tempo sobre elle. Agarre-o um pelo pescoço, outro pelos braços, outro pelas mãos; eu me encarrigo das pernas. Olhem que elle não deve gritar, para não despertar a vigilancia.

Magnus chegou ao principio da encurzilhada, parou, sondou-a com o olhar e poz-se de novo a caminho. De repente quatro fantasmass surgiram diante delle e o agarraram por todos os lados, antes que elle tivesse tempo de defender-se.

Magnus resistio durante algum tempo, e cahio estenuado.

— Segurem-o bem! disse Frantz, apalpando a roupa de Magnus e encontrando no gibão uma alliença feita pelo anel.

No momento em que Frantz abria o gibão e tirava a joia dada pelo conde de Wasmberg, Magnus fez um esforço supremo e arremessou por terra dous dos seus inimigos; os outros afastaram-se com medo.

O soldado, meio erguido, pavorou no chão sem julgar e com voz terrível bradou: Socorro!

— Inútil! exclamou Frantz, dando com os cotos da pequena espada uma tremenda pancada na cabeça de Magnus, o qual cubio por terra sem sentidos.

Uma patrulha de cavalaria que passava perto, ouvindo os gritos de socorro, aproximou-se a trote largo.

— Salve-se quem puder! disse Frantz.

E os quatro saltadores sumiram-se na escuridão da noite.

Frantz foi logo ao encontro de João de Werth, não só para pôr-se sob sua valiosa protecção, como para tirar a maior vantagem que pudesse do anel, com tanto custo arrancado do poder de Magnus.

Os criados do barão tinham ordem de dar ingresso a Frantz a qualquer hora da noite. Logo que o viu entrar, João de Werth perguntou:

— Que ha de novo?

Frantz sorriu e respondeu:

— O que é que pensa que fiz esta noite?

— Sei lá! É o homem de tanta imaginação!

— Pois então ouça, disse Frantz.

Depois de ouvir a narração do occorrido na escura encerrilhada, narração em que o aventureiro encareceu muito os serviços prestados, João de Werth respondeu:

— Que terá acontecido ao tal mensageiro do herdeiro?

— Magnus? deve estar morto. Dei pancada de segurar.

— Deus se amercie delle!

— Amem! respondeu Frantz persigando-se, e proseguiu: aqui está o anel.

Vendo a joia o barão mal poudo disfarçar a alegria que sentia. Examinando-a melhor lembrou-se do tel-a-visto no dedo de Gustavo Adolpho. Era certamente um objecto dado pelo rei, e com o qual se podia entrar até sem nposentos particulares.

Sem o anel De La Guerche estava perdido.

— É uma joia de preço, disse Frantz.

— Sim; valle bem trinta pistolas, disse o barão affectando indifference. É sem duvida uma lembrança amorosa, um penhor que o prisioneiro quiz remetter á sua amada. Entretanto e por consolação ao trabalho que tiveste, dou-te cem pistolas.

Era o preço que Frantz desejava; seu rosto expandiu-se:

— Venha o dinheiro! disse elle.

Tendo-se retirado Frantz, João de Werth respirou livremente e disse:

— Posso agora dormir tranquillo. De La Guerche é um homem morto.

CAPITULO XIV

WILLA E CHARYBDE

Magnus estava estendido na encerrilhada sem dar signaes de vida. O frio da manhã fel-o voltar pouco a pouco a si. Levantou-se devagar, olhou em redor e levou a mão á cabeça, onde sentia aguda dor. Vendo a mto tinta do sangue, começou a lembrar-se confusamente do que se passara á noite. Instantes depois, sorriu com desprezo e disse:

— Que tolos! Penseiram que se matava Magnus como se mata qualquer outro homem! Se me tivessem cortado o pescoço, talvez.... mas com um simples piparote na cabeça....

De repente estacou; tinha-se lembrado de tudo; deu um grito horrivel e bradou:

— Tiram-me o anel! E não me mataram, os covardes! Oh! como vou vingar-me!

Então levantou-se e dirigio-se rapidamente para a prisão de Armando.

Arnold de Brühl hesitou a principio, não o podia deixar entrar porque estava-se instaurando o processo. O prisioneiro achava-se incommunicavel; era uma questão de disciplina militar.

— Se não quer que um velho soldado morra deshonrado, deixe-me entrar! insistiu Magnus.

O official fixou-o attentamente e, commovido pelo desespero que se via estampado no rosto varonil e cicatrizado do soldado, deixou-o entrar.

Um carcereiro conduziu Magnus, por longos desvios, diante de uma porta de ferro que se abriu sem barulho.

Armando estava sentado junto de uma pequena meza, sobre a qual via-se uma biblia.

No quarto havia apenas a meza, uma cadeira e uma cama; o tecto era abobadado.

— Já? perguntou Armando.

Magnus descobrio a cabeça ensanguentada e disse: — Senhor conde, despreze-me, mate-me; chame-me bandido, miseravel! não me queixarei!... seu anel....

— Acaba!

— Roubaram-m'o á força!

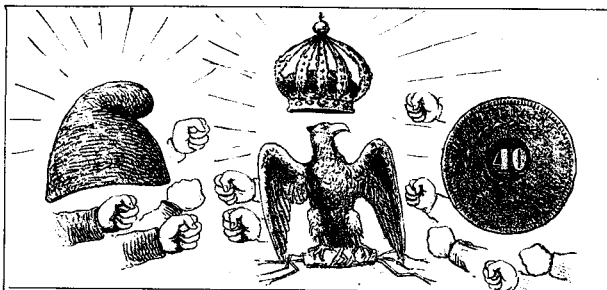
Armando ficou livido; momentos depois ergueu a fronte ainda pallida, porém já serena, poz a mão sobre a biblia e disse:

— Deus nunca abandona os bons!

— E não me amaldiçoa? perguntou Magnus.

— Se cumprieste teu dever, perdop-te; se foste infeliz, instimo-te! replicou Armando.

(Continua.)



Os tres pomos de discórdia do Alcazar, na noite de 23 do corrente.



ALCAZAR

Le petit misérable... ou le pistolet sans chien... ou la république et l'empire... ou la Saint-Hubert... ou les loups de mer et les agneaux de terre... ou l'exaspération d'un sauvage... ou la décadence d'une comtesse... ou les mélodies pyro-mélodieuses... ou deux sous jetés sur la scène (Mmo. Bourgeois informe)... ou la révolution au parterre pendant le sommeil de la police.
C'était bien le cas de crier: Sentinelles, garde à vous!!

companham o programma, daria um artigo, a que difficilmente se poderia dar cabida nas columnas deste semanario.

E' s' em attenção a isso que serei breve, apesar de me subtrahir desejos de escrever largamente acerca do muito que valeu esse concerto.

A's 8 horas da noite uma orchestra numerosa e habilmente regida executou com bastante maestria a *ouverture* do Oberlo, conde de S. Bonifacio.

Ao ouvir aquellas harmonias imponentes e magestosas, interpretadas com tanta felicidade, perguntava eu a mim mesmo se era aquella a musica, que obrigara Verdi a não escrever uma s' nota durante o espaço de dous annos!

Não se explicam certas cousas. A indifferença, que scebeu em Italia o primeiro trabalho do inspirado author do *Rigoletto*, não tem justificação possível.

E' uma lacuna vergonhosa na historia musical daquelle povo: embora viesse depois o indescritivel enthusiasmo, que despertou o *Nabucodonosor*, mostrar que os italianos se arrependiam de ter julgado tao impensadamente uma opera, onde o genio do maestro lombardo começava já a revelar-se.

Após a *symphonia* seguiu-se um duetto para barytons e tenor, cantado com notavel elegancia pelos Srs. Bolgiano e Orlandini.

Na primeira parte distinguiram-se ainda os Srs. D'Eros e Torquato no duetto dos *Paritatos*; e o joven Bevilacqua, para quem não ha difficuldades no piano. O trecho escolhido por este distincto moco era devido á penna endiabrada de Liszt.

Citai o nome do celebre pianista allemão equivale a dizer, que s' um serio e aturado estudo pôde alcançar as innumeras diabruras, que se encontram em toda a musica escripta por aquelle genio exaltado.

No intervallo entre a primeira e segunda parte uma surpresa agradável veio impressionar fortemente o auditorio.

Labon, um dos amadores mais notaveis do Rio de Janeiro começou a desferir do seu violão sons tão rousados de melodia, que deixavam em duvida o instrumento, de que eram arrancados.

Todos sabem que o violão não se presta facilmente aos cantos ligadiss. nem á pureza dos sons, se o trecho que vai executar-se requer velocidade de digitação. Pois bem: ougum a fantasia da *Traviata* e a *Faciera* e digram-me depois se ainda continuam a pensar assim.

Na 2.ª parte tornou-se digna de menção especial a mangeira porque foi acompanhada pela orchestra a cavallina da *Faciera*.

Não julguem que, por se tratar de um singelo acompanhamento, seja exagerado este elogio.

A responsabilidade que a orchestra assumo quan-

do acompanha um trecho cantado, onde, por assim dizer, ella se torna escrava dos caprichos do cantor, é cousa por demais artistica para que fique em esquecimento ou passe sem lavour.

A partir d'ahi mais não posso dizer. O medo da chuva, e o desejo de não faltar aos precitos estabelecidos pela reforma das secretarias instigaram-me, não grado me, a largar o sacco.

Algumas reflexões antes do terminar.

A primeira festa do *Clu' Mozart* não deveria dar cabida no seu programma a qualquer dos trechos sublimes e immortaes do homem, cujo nome lhe serve de estandarte?

Não foi pará sentir que o bello sexo não viesse com a sua presença dar maior realce aquello serto artistico?

Apzar de muito valer o concerto, não teria valido ainda mais se algumas vozes do soprano tivessem vindo alliar-se ás de barytono e tenor em pedaços d'*ensemble*, desses, que deleitam o ouvido, e extasiam a alma?

A musica do *Petit Mierable* teve o exito que eu lhe prognosticava. Para todos quantos assistiram á representação dada no Alcazar, sabado passado, ficou bem patente que Ricardo Ferreira de Carvalho é um talento vigoroso, e uma intelligencia habilitada a produzir trabalhos de maior vulto e de mais vasta concepção.

Cabe tambem boa parte do exito ao Sr. Hubert, que soube transformar o episodio dos *Mierables* n'uma scena dramatica de optimo effeito, que maior enthusiasmo teria despertado se fôlle. Val-Monca des outra interpretação ao character endiabrado do vagabundo Gavroche.

Não commentarei aqui os episodios burlescos, que se deram naquella noite entre a platée e as galerias.

Disseram-me ao principio que a questão era de república e imperio: fallaram-me depois em magões de dous vietus embrulhados em pedaços de papel azul: e finalmente um desses magões de bom gosto que, á falta de informações exactas, procuram na imaginação o meio de resolver qualquer problema, chagando-se mansamente a mim, segredou-me ao ouvido estas palavras:

« As galerias que são imperialisas, recollaram-se com o sans fugon da aristocrata condessa de arribado. Effectivamente é indecoroso!

« Uma mulher, que proclama alto e bom som a nobreza do seu nascimento, não deveria descer a empunhar a bandeira republicana, e muito menos a castar a margulhada.

« Ao principio olhei estupefacto para o individuo em questão: depois, desatei a rir.

O caso não era para menos.

O ESPELHO

A *Vida Fluminense* é um seminario illustrado, e por isso entendemos que quem a ler no domingo deve saber das occorrencias mais notaveis da semana. O publico, que com tanta benevolencia tem-se mettido nesta *Vida*, tem jus a que ella duplique de esforços para bem satisfazer-o. Sempre ouvi dizer que a variedade delecta.

Assim vamos dar a mais importante noticia da semana que findou.

Acaba de operar-se um extraordinario melhoramento nos espelhos, e a origem foi a seguinte.

Um dos nossos importantes fazendeiros do interior foi agraciado com o officiado da Illosa por ter offerecido cinco voluntarios para o exercito. Lendo a noticia nas folhas e no ver seu nome na turma dos *Officiers* — embalteou e resmungou: « Eu dei os negros para tua *encomenda*; eu não sou homem de espada para me *alumarem* official. » Enfim, como não havia remedio, escreveu ao correspondente na corte que lhe arranjasse *essas* coisas, e lhe mandasse, a espada, a banda, o *chapéo armado* e o mais que era necessario para o fardamento completo de um *official* da Illosa, não se esquecendo de dizer que elle antes queria ser *encomendador* e trazer a rodella na casaca do que aquellas trapalhadas de official, para que não tinha jeito nem gosto.

O correspondente mandou-lhe tirar o diploma, comprar a insignia, e remetteu tudo; e na carta de remessa havia este trecho:

« Como V. S. preferisse a *comenda*, incumbi a uma pessoa, mediante *uma gratificação*, para arranjar com que, em vez do uniforme, lhe seja permitido trazer o crucifixo; e eu minha opinião é muito mais bouito e mais proprio para uma pessoa siza da como V. S., apesar de que custasse um pouco *caro*; mas V. S. não é homem que se incomode por bagatellas. Toda a despesa lhe fica debitada em conta, etc. »

O homem, como é de prever, exultou com a leitura desta carta, e hemidasse a sua sorte que lhe dera para um correspondente tão intelligente e tão *fiavel*! tanto que até lhe advertio que a *condecoração* se collocava no lado esquerdo, pousando um novo embaraço em que com certeza se veria o feliz agraciado.

Dias depois havia grande festa na freguezia, com illuminação, coreto, fogo e cavalladas. Que perlichas! Eis o nosso homem de ponto em branco, queru dizer em preto, pois que trajava calça, casaca e colete pretos, e no amplo peito fulgurando-lhe a tão desejada insignia de *aunar* e fidelidade! dois sentimentos que pela primeira vez unquelle peito se abrigavam!

Supponho que nem um só dos leitores deixará de crer que achando-se assim ataviado o Sr. *encomendador* fosse collocar-se em frente ao espelho grande da sala, a ver o effeito que fazia a sua condecoração; mas qual não foi o desampontamento da creatura vendo apparever-lhe no espelho a *comenda* do lado direito!

— Ah! sora Angelica!

— Senhor!

— A senhora ha de ajudar sempre com essa cabeça to ar! Eu até lhe disse que a coisa se pregava do lado esquerdo! Como foi pregar-a do outro?

A Sra. Angelica reganou os olhos: reparou bem onde estava collocada a insignia; e para melhor certificar-se collocou-se por detraz da *comendador* na mesma direcção, e lhe provaou não ter errado com esta explanação sem replica.

— Olhe, esta é a mão com que eu me cogo e é a *destra*, logo, logo a sua é a que fica do mesmo lado, e eu preguei a coisa da outra banda que é a da mão canhotã, como é que *curei*?

— E' isso, é. Mas como é que no espelho está do lado direito?

Conclusão tirada entre ambos:

O espelho era defeituoso. E tão defeituoso juntou a Sra. Angelica que nunca posso ver como ficam meus vestidos por detraz, como vejo pela frente.

No dia seguinte o correspondente da corte recebia a *encomenda* de um espelho que não trocasse as posições das *comendas*, e que a Sra. Angelica pudesse-se mirar pelas costas com a mesma facilidade com que se mirava pela frente. Não se achando na corte, por mais que se procurasse, um espelho com estas qualidades foi a *encomenda* para a Europa.

Orá, nesses paizes, onde tudo se faz, tudo se inventa, até admira como fossem aquelles inconvenientes dos espelhos notados no Brasil! O que é certo, é que graças a nós a velha e sábia Europa tanto trabalho que conseguiu o grande desideratum. Já chegou e achou-se exposto na casa dos Srs. B. & Moncada um espelho de 1 metro quadrado, com dois vidros ou com serventia para dois lados. Por um, que é marcado « frente » vê-se a pessoa com os atavios e deficits no proprio lado, que naturalmente os tem, e virando o quadro pela face opposta observa-se afigura a mesma pessoa como se houvesse voltado de costas!

Destes e outros casos resultou o axioma: pequenos causos, grandes effeitos.

Aviso ao bello sexo.

Sisipho.

chegar a Gothenburgo, sem desconfiar sequer dos perigos que o alicerçavam. Vendo que suas primeiras providências não produziram resultados satisfactorios, resolveu Frantz operar por si mesmo.

O olhar exercitado e penetrante do barão reconheceu Armando logo que este, conduzido por Magnus, mostrou-se diante do castello real. Uma idéa subita passou-lhe pelo espirito, e approximando-se de Frantz, enquanto de La Guerche abria caminho até perto de Adrianna, murmurou:

— Não te esqueças que estás no jardim do rei, e quem desembainha a espada em uma residência real soffre a pena de morte. Entretanto se algum estolito provocar-te, és gentilhomem, e eu te protegerei na qualidade de ministro plenipotenciário de S. M. o imperador Fernando.

Frantz kreuss respondeu sorrindo:

— Deixe tudo por minha conta: já tenho um plano infalível.

E sumiu-se rapidamente entre os arvoredos.

A noite baixava: João de Werth encaminhou-se para uma alameda sombria onde Adrianna o acompanhava, pensativa e triste, sem imaginar que Armando estivesse a tão poucos passos d'elle.

De La Guerche, que temia perdê-la de vista, precipitou-se na mesma direcção: um homem apresentou-se subitamente n'um angulo do bosque; Armando, que o não tinha visto, esbarrou-se com elle.

— Não vê por onde anda! bradou o homem.

— Qual foi de nós dois que esbarrou no outro? perguntou de La Guerche.

— Deixemos-nos de fannurias! Quem commetter a grosseria, desculpa-se! replicou Frantz, mostrando seu chapéo cahido no chão ao lado do de Armando.

Por muito rápida que fôsse esta altercação, deu-lha sempre tempo a João de Werth para fazer com que o Marquez de Pardailhan e sua comitiva se encaminhasssem para outro lado.

Perdendo de vista Adrianna, Armando bradou desesperado, levando a mão á espada:

— Quer acaso provocar-me?

Frantz, confiado nas promessas de João de Werth, desembainhou tambem.

A luta foi curta, mas terrível. Magnus, que vinha correndo, todo esbofado, gritava:

— Suspendam! suspendam!

Os dois adversários a nada attendiam.

— Por piedade, não continue! proseguiu Magnus, que já não estava senão a uns trinta passos dos antagonistas.

Frantz bem quizera sustentar a luta, porque cedo reconhecerá que o homem, tão pouco dextro na scien-

cia da esgrima, manjava a espada como um mestre; desgraçadamente Armando não o deixava respirar. Com o manto roto e o gibão perfurado, Frantz quiz fugir: uma ponta de aço ferio-o no brço.

— Socorro! bradou elle, tropeçando e caindo no chão.

Neste momento ouviu-se a pequena distancia o ruído de alguns passos.

— Ah! senhor conde, estais perdido! disse Magnus chegando a correr.

Um official, acompanhado por muitos soldados, chegava ao lugar e encostava Frantz estendido no chão, lavndo em sangue.

— Sua espada, senhor: em nome do rei prendo-vos, disse o official a Armando.

De La Guerche, sorprezo e mudo, deixou cahir das mãos a espada.

Frantz ergueu-se com a agilidade de um gato e disse precipitadamente:

— Eu passava; este senhor atirou-se sobre mim como um furioso.... estou ferido e com a roupa em estilhaços.... foi uma cilada!

— Miseravel! exclamou Armando.

Magnus eucaron Frantz, e murmurou entre dentes:

— Desta cara nunca mais me hei de esquecer!

Porém já os soldados rodeavam De La Guerche e o conduzião para a prisão.

Frantz conseguiu esgueirar-se por traz de uma moita e sumir-se. Quando o official notou sua ausencia já era tarde para seguir-lhe as pegadas.

Os soldados e prisioneiros atravessaram em silencio as sombrias alamedas do jardim. Magnus acompanhava-os de perto. Chegaram diante da porta baixa de uma prisão, solida e escura, que formava uma das dependências do castello. Um fôssco cheio de agua, sobre o qual cahia uma ponte levadica, a protegia de qualquer surpresa. Em cada angulo via-se uma sentinella de mosquete ao hombro.

Armando, que até então não havia comprehendido porque tanto se preudia um fidalgo que defendia sua vida, voltou-se para o official e perguntou-lhe que prisão era aquella, para onde o levavam.

— A prisão dos criminosos de estado.

— Tul, qual! ponderou Magnus.

O official bem conheceu pela admiração de Armando que elle não avaliava a importancia do crime que commettera. E por isso explicou-lhe, commovido, que ordens terribes prohibiam desembainhar a espada nas dependências do castello real, e terminou dizendo:

— Fostes sorprendido em flagrante delicto; commettestes um crime de lesa magestade!

— Mas então por isso que gritavas: suspendam! suspendam! perguntou Armando a Magnus.